

Resenhas



CONVERSA A TRÊS

SOUZA, ENEIDA MARIA DE (ORG.). *CORRESPONDÊNCIA MÁRIO DE ANDRADE & HENRIQUETA LISBOA*. SÃO PAULO: EDITORA PEIRÓPOLIS; EDUSP, 2010.

Kelen Benfenatti Paiva*
Universidade Federal de Minas Gerais

Em um momento em que o olhar da crítica se volta aos arquivos pessoais de escritores, em que o biográfico e o autobiográfico ganham destaque nos estudos literários, em que se observa a “ressurreição” do autor na cena da escrita e a valorização cada vez mais frequente das fontes primárias como objetos de pesquisa, a pesquisadora e professora emérita de Teoria da Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais Eneida Maria de Souza organiza e anota a correspondência recíproca de Mário de Andrade e Henriqueta Lisboa.

Com o objetivo de trazer a público o diálogo mantido entre os escritores, Eneida Maria de Souza entra nessa trama epistolar se fazendo leitora e cúmplice das confissões entre os correspondentes. A autora reúne em *Correspondência Mário de Andrade & Henriqueta Lisboa* (2010) as cartas trocadas entre eles, publicadas em parceria com o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), a Editora da Universidade de São Paulo (Edusp) e a Editora Peirópolis.

As trezentas e noventa e oito páginas que compõem o livro trazem ao conhecimento do leitor o conteúdo dessa conversa entre intelectuais apaixonados pela literatura, além de reproduções em fac-símile de algumas cartas, de imagens e textos mencionados na correspondência, estabelecendo relações intra e extratextuais com recortes de jornais, fotografias e outras peças dos arquivos pessoais de ambos.

Trata-se de um conjunto de 109 documentos, entre cartas, bilhetes e postais trocados entre os escritores de 1939 até um pouco antes da morte de Mário de Andrade, em 1945. Parte dessa correspondência, as cartas que o autor escreveu a Henriqueta, já era conhecida e foi publicada no livro *Querida Henriqueta: cartas de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa* (1990). Contudo, a publicação da correspondência recíproca que ora nos apresenta torna possível a reconstituição desse diálogo fragmentado, uma vez que as cartas de Henriqueta ao autor de *Macunaíma* até o momento eram inéditas e estavam guardadas no arquivo do escritor, no Instituto de Estudos Brasileiros, na USP.

A importância de trazer à luz esses documentos de arquivo se deve principalmente ao conteúdo dessas cartas, que dão a conhecer novas facetas dos correspondentes, bem como ampliam as possibilidades de leitura de suas obras. De Mário de Andrade, por

* benfenatti@bol.com.br.

exemplo, é possível apreender a imagem de um sujeito arlequinal dividido entre alegrias e tristezas, sorrisos e prantos, experimentando paradoxalmente “abatimentos prolongados” e “violentas explosões de gozo de viver”.

Nessa correspondência, além das confissões pessoais de um sujeito múltiplo, angustiado e sofrendo de melancolia, que, segundo ele, não era a brasileira, “feita de preguiça e de saudade”, mas “pesada, de olho mau”, há o registro do mal-estar de uma época conturbada socialmente e o relato de uma crise coletiva e também individual causada pelos desmandos do autoritarismo e da guerra. Entre os assuntos tratados com Henriqueta, estão os tumultuados acontecimentos no cenário político nacional, as divergências literárias, a vida agitada, desregrada e boêmia, as amizades e inimizades, os problemas de ordem pessoal, financeira e de saúde, as dificuldades de criação, produção e publicação, a importância da imprensa para a vida literária, além da reflexão sobre a própria produção literária, sobre o papel do intelectual, do crítico e sobre a criação poética de Henriqueta Lisboa.

Eneida, na introdução do livro, atenta para a importância dessa correspondência, tanto no projeto de nacionalização da cultura, de consolidação de uma estética e de um pensamento político difundidos por Mário de Andrade via correios, quanto no aprimoramento estético de Henriqueta Lisboa, afinal, as cartas se constituíram espaços de discussões sobre seu fazer literário. Mário se fez leitor crítico da obra de Henriqueta e não se limitou aos cordiais elogios de agradecimentos por livros ou poemas recebidos. Assumiu-se “advogado do diabo” e fez críticas contundentes sobre os versos da poeta. Reprovava, sobretudo, construções conceituais ou moralizantes e explicações desnecessárias em poesia. Mário comentava em cartas os poemas inéditos enviados a ele e, às margens dos originais datiloscritos, registrava suas opiniões, como se evidencia nas reproduções em fac-símile publicadas em anexo na correspondência entre os autores.

A importância do diálogo com Mário de Andrade pode ser percebida nas palavras de Henriqueta desde o início da correspondência, pois via no escritor um orientador em potencial, o único capaz de lhe “suscitar mudança de direção”. Tal fato se evidencia ainda pelas atitudes da poeta, que, na maioria das vezes, seguia as orientações de Mário, fazendo as alterações sugeridas nos versos. Outras vezes, mantinha a versão original, seguindo os conselhos do próprio Mário que a incentivava a manter sua liberdade autoral: “Mas lhe peço por favor quando retirar ou consertar alguma coisa, fazer sempre isso por sua exclusiva vontade e responsabilidade”, escreve ele em carta de 08 de agosto de 1942.¹

Henriqueta, com sensibilidade e inteligência, mantém-se à altura do diálogo com o escritor consagrado e, sempre fiel as suas convicções sobre a poesia, trilha caminhos próprios sem se filiar às modas literárias do momento, ou pertencer “às linhas gerais da crítica de poesia”, “nem dos seus problemas e intenções”, como afirmou Mário de Andrade.

Pela frequência e conteúdo das cartas, pode-se dizer que a correspondência entre Mário e Henriqueta vai além do registro autobiográfico dos autores, vem suprir a necessidade do convívio intelectual, dos “prazeres da conversa”, uma forma eficiente de resolver a impossibilidade do intercâmbio intelectual presencial, de criar redes, de estabelecer diálogos, de criar amizades literárias independentes das distâncias geográficas.

¹ SOUZA. *Correspondência Mário de Andrade & Henriqueta Lisboa*, p. 220.

A organização do livro, os cuidados e riqueza de detalhes nas notas preparadas por Eneida Maria de Souza revelam seu olhar atento e crítico de pesquisadora ciente da potencialidade dos acervos de escritores e da importância dos bastidores da criação para o melhor conhecimento do autor, de sua obra e da vida literária de seu tempo. Nas notas explicativas, a autora demonstra uma minuciosa pesquisa responsável por atenuar as dificuldades na leitura de um texto datado que carrega consigo as marcas de um período, como nomes de personalidades do universo das letras e das artes contemporâneos dos missivistas e acontecimentos circunstanciais.

Quando não há elementos suficientes para preencher lacunas do texto epistolar, a organizadora da correspondência entre Mário e Henriqueta utiliza a estratégia de criar conjecturas, seguindo, assim, suas convicções teóricas, segundo as quais o “próprio sujeito teórico se inscreve como ator no discurso e personagem de uma narrativa em construção”.²

Assim, mais que ouvir a conversa a dois, Eneida Maria de Souza, por meio da publicação de *Correspondência Mário de Andrade & Henriqueta Lisboa*, convida o leitor a participar da conversa, a construir ele próprio, em sua leitura, essa narrativa repleta de histórias de vida e de literatura.



REFERÊNCIAS

- SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- SOUZA, Eneida Maria de (Org.). *Correspondência Mário de Andrade & Henriqueta Lisboa*. São Paulo: Peirópolis/Edusp, 2010.

² SOUZA. *Crítica Cult*, p. 105.